

Na Mostra de Teatro, os universitários levarão ao palco seu talento artístico

BR.TBES.C.009 reportagem de Annie Cicatel

Começa terça-feira, com término previsto para o próximo domingo, a I Mostra de Teatro da Universidade Federal do Espírito Santo, a partir das 21 horas, no Teatro Carlos Gomes. Cinco diretórios acadêmicos estarão participando, com peças de autores nacionais ou estrangeiros. O preço é o seguinte: Cr\$ 5,00 estudante; Cr\$ 10,00 inteira; e Cr\$ 50,00 camarote. Promovida pela Divisão de Atividades Culturais da Sub-Reitoria Comunitária e colaboração da Fundação Cultural do Espírito Santo, será apresentada terça-feira a peça "As Interferências", de Maria Clara Machado, pelo diretório do Centro Biomédico (proibido para menores de 18 anos); na

quarta, "A Infidelidade ao Alcance de todos", de Lauro Cesar Muniz, pelo diretório "José Leão Nunes", do Centro de Estudos Gerais (proibido para menores de 18 anos); quinta, "Guemica", de Fernando Arrabal, pelo diretório "Dido Fontes", do Centro Tecnológico (14 anos); sexta, "Um Tango Argentino", de Maria Clara Machado, pelo diretório "José Leão Nunes" (10 anos); sábado, "O Auto da Compadecida", de Ariano Suassuna, pelo diretório "Heráclito Amâncio Pereira", do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (14 anos); e domingo, "O Urso", de Anton Tchecov, pelo diretório "Carlos Cavalcanti", do Centro de Artes (livre).



"As Interferências" é a peça que será apresentada pelo Centro Biomédico.

A I Mostra de Teatro da Universidade Federal do Espírito Santo tem por objetivo estimular a prática da arte teatral entre os alunos universitários, dando-lhes a oportunidade de participar ativamente na vida cultural do Campus Universitário, assim como na da comunidade em geral. Sendo o teatro uma arte essencialmente popular, seus praticantes têm, através dele, a oportunidade de exercitar o poder de expressão e comunicação no sentido de atingir as mais variadas platéias, estimulando entre elas o hábito de assistir a peças teatrais como uma opção a outras formas de diversão.

É também objetivo da Mostra, além do aspecto universitário, oferecer à comunidade capixaba em geral mais uma opção de divertimento e cultura em bases regulares, sendo plano da Ufes levar as peças que serão apresentadas esta semana também pelo interior do Estado.

Segundo a coordenação de teatro da Divisão de Atividades Culturais da Sub-Reitoria Comunitária, durante a Mostra serão escolhidos os melhores elementos para integrar o elenco do Teatro Universitário da Ufes, buscando-se incentivar a produção teatral no meio estudantil.

A cada ano, haverá uma Mostra de Teatro, com a participação de todos os diretórios. Os elementos escolhidos não participarão, pois estarão propagando o teatro Universitário em outros Estados, como acontece em outras universidades. Entretanto, informou a Divisão de Atividades Culturais da Sub-Reitoria Comunitária que os diretórios continuarão a promover peças durante todo o ano sendo que, numa data determinada, eles farão uma seleção dos espetáculos apresentados, levando apenas um ao público.

Os próprios grupos que participarão desta I Mostra escolheram seus diretores e parte técnica. A Sub-Reitoria Comunitária ficou apenas cuidando da parte administrativa, como coordenação dos ensaios, assessorar os grupos para buscar soluções cênicas, submeter os textos a serem representados à repartição competente para encaminhamento ao Serviço de Censura Federal, entre outros. Assim, os grupos tiveram que obter permissão da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais para a apresentação do texto selecionado (realizado por eles mesmos), selecionar os atores e técnicos para cada produção, conservar os locais de ensaios e apresentações em bom estado de limpeza e conservação e outras.

A coordenação de teatro da Sub-Reitoria Comunitária explicou também que outro objetivo da Mostra é criar grupos, concentrando uma atividade e um treinamento mais intenso em produção como, por exemplo, aulas de teatro.



Fabiana Limeira e Cláudio Peixoto, do Centro de Estudos Gerais, ensaiando "Um Tango Argentino".

LAURO CÉZAR MUNIZ

Lauro Cesar Muniz nasceu na cidade paulista de Ribeirão Preto, em janeiro de 1938. Já foi agraciado com o prêmio de melhor autor do Festival de Teatro Amador de São Paulo. Formado em 1962 pela Escola de Dramaturgia da Escola de Arte Dramática de São Paulo, é professor de dramaturgia do Curso de Teatro da Universidade do Estado de São Paulo.

Tem algumas peças encenadas, como: "O Santo Milagroso" (1963 - Teatro Caclida Becker), "A Morte do Imortal" (1966 - Teatro Oficina), "A Infidelidade ao Alcance de Todos" (1966 - Taca), "O Líder" (1968 - Teatro Arena de São Paulo).

Para a televisão, entre "Especiais" e novelas, escreveu: "Escalada", "O Casarão", "Ba de Esquina", "A Bruxa", "Ninguém Orê em Mim", Lauro Cesar Muniz adaptou para a televisão "O Morro dos Ventos Uivantes" e "As Pupilas do Senhor Reitor".

ARIANO SUASSUNA

Ariano Suassuna é paraibano de João Pessoa, onde nasceu em 1932, mas sempre foi muito ligado ao município de Taperoá, onde se passam todas as suas quinze peças. Em 1942 foi para o Recife e quatro anos depois fundou, juntamente com Hermilo Borba Filho, o Teatro do Estudante de Pernambuco. Sua primeira peça foi produzida em 1947, "Uma Mulher Vestida de Branco", seguindo-se longa produção até 1962, ano de "A Caseira e a Catarina", peça que recriou as atividades do Teatro Popular do Nordeste há dois anos.

Cuidadoso com suas peças e suas idéias, Ariano já passou por vários problemas devido a distorções nem sempre criativas de seus argumentos, o mais recente uma montagem na Venezuela, onde um diretor se disse o real autor de "O Auto da Compadecida". Ponto alto de sua obra, esta peça é muito encenada no exterior, principalmente na Alemanha, mas existem traduções em várias outras línguas e uma versão cinematográfica dirigida em 1969 por George Jonas. Nesta mesma época iniciava seus trabalhos para a criação do Movimento Armorial, que tem por objetivo a integração total de arte popular brasileira, principalmente do nordeste, a um contexto erudito puramente nacional, sem preocupações vanguardistas, visando apenas ao enriquecimento da herança cultural brasileira.

FERNANDO ARRABAL

Fernando Arrabal foi um dos principais criadores do Teatro Pânico, escola que nasceu em Paris, no famoso Café de la Paix, em 1960. O Teatro Pânico já produziu espetáculos definidos pela revista "Realités" como "festas extravagantes e primitivas, a meio caminho entre a maravilha e o horror". Arrabal, hoje com 45 anos, nasceu na Espanha e vive em Paris. Tem mais de trinta peças escritas, além de livros, e "Comitê de Automóveis" é um de seus trabalhos mais conhecidos no Brasil, tendo sido encenado em 1968 no Teatro Ruth Escobar da capital paulista.

As peças de Arrabal são representadas no cinco continentes e dizem seus discípulos, com um toque de megalomania bem característicos de uma "atitude pânica" que, sobre o teatro do mestre, como sobre o império espectral, "o sol nunca se põe". Um dos expoentistas dessa escola, o chileno Alexander Jodorovski explica que, para o homem pânico, qualquer problema não tem uma só solução e sim infinitas. A inteligência pânica é capaz de afirmar duas idéias contraditórias ao mesmo tempo - o bem e o mal, o não afirmar nenhuma. O tempo não é uma sucessão ordenada, lógica, mas um lago, onde as coisas e os acontecimentos, passados e futuros, são apenas fragmentos de uma só manifestação pânica: a "festa-espetáculo".

ANTON TCHECOV

Um dos fundadores da moderna dramaturgia, Anton Tchecov - de quem o grupo Diretório Acadêmico do Centro de Artes apresentará "O Urso", no dia 6 - morreu em 1904 aos 44 anos de idade, deixando pelo menos quatro obras excepcionais: "Tchaika (A Gaiivota)", de 1896; "Diádia Vania (Tio Vania)", 1889; "Três Irmãs", 1901; e "Vichinedi Sad (O Jardim das Cerejeiras)", de 1904.

Tendo começado a escrever quando era estudante de medicina, deixou ainda inúmeros contos e peças curtas como "O Urso (Medved)", que tem sido encenadas no Brasil por grupos amadores apesar de sua obra ser pouco divulgada por aqui.

As quatro peças principais de Tchecov já foram encenadas profissionalmente no Rio, São Paulo e outras capitais. A última foi "A Gaiivota", encenada no ano passado. "Tio Vania" mereceu uma encenação do Tablado em 1955, com direção de Geraldo Queiroz e tendo Maria Clara Machado no papel de Sonia e Cláudio Corrêa e Castro como o personagem-título. Houve duas apresentações brasileiras de "Três Irmãs", pelo Teatro Nacional de Comédia e encerrando as atividades do Teatro Oficina. "O Jardim das Delícias" foi a peça de inauguração do Teatro Ipanema em 1967.

Um fracasso em sua primeira apresentação, no Teatro Imperial de São Petersburgo em 1896, "A Gaiivota" marcou, dois anos mais tarde, o início da revolucionária associação de Tchecov com os fundadores do Teatro de Arte de Moscou, Vladimir Nemirovich e Konstantin Stanislavski.

Desde 1910 os contos e peças de Tchecov vêm sendo um inesgotável manancial de histórias para o cinema russo. "A Gaiivota" foi a primeira a tela, em 1915, numa adaptação de Iakub Protazanov. "O Urso" teve sua filmagem realizada em 1938 por Izidor Annelski, no primeiro de uma série de trabalhos deste diretor baseados no grande escritor russo.

MARIA CLARA MACHADO

Maria Clara Machado, teatróloga, diretora de teatro e atriz dramática brasileira, nasceu em Belo Horizonte, em 1921. Estudou teatro em Paris (1950) e Londres (1951). Fundou no Rio de Janeiro o grupo experimental "O Tablado" (1952) e a revista "Cadernos de Teatro" (1956). Dirigiu diversas entidades públicas teatrais. Dedicada principalmente ao teatro infantil, salientaram-se no gênero várias de suas peças, como "Pluft, o Fantasminha" (1955), "O Cavaleiro Azul" (1960), "A Menina e o Vento" (1963). Escreveu, para adultos, "As Interferências" (1966).

No início de sua carreira profissional, Maria Clara queria ser atriz e durante muito tempo se debateria no conflito: fazer ou mandar fazer. Ela chegara havia pouco da Europa, quando fundou o Tablado, junto com Rubens Corrêa, Ivã de Abulquerque, e outros, para mostrar tudo que havia aprendido sobre improvisação e método Stanislavsky. Mas, após montarem, com sucesso, inúmeras peças de autores estrangeiros, o grupo rompeu-se:

"Eles queriam profissionalizar-se e eu fui contra, por achar que a época não era propícia, como não é até hoje. Então, veio a crise, que obrigou o Tablado a mudar sua linha de montagem, tendo em vista o alto custo das produções. ... Partimos para a montagem de peças infantis, bem mais baratas. E, com este caminho, lá se ia minha ambição de atriz. A direção me prendia cada dia mais. Só uma vez desempenhei um papel e outra vez houve apenas uma ameaça: eu queria era mesmo viver na eterna confusão do Tablado e no permanente trabalho experimental que ali desenvolvia e desenvolvo até hoje".

Maria Clara Machado começou então a escrever peças infantis, só por dinheiro: "Confesso que eu era extremamente mercenária, quando apareceu um concurso de peças infantis que aguçou meu mercenarismo. Inscrevi-me e ganhei o concurso com "O Rapto das Cebolinhas". No ano seguinte, novamente ganhei o prêmio com "A Bruxinha que era Boa". Na terceira vez, meu pai reclamou:

"Fica feio isto, minha filha. Deixa a vez para outro". A peça era "Pluft, o Fantasminha", que iria marcar definitivamente a vida profissional de Maria Clara. Desde então, ela escreveu muitas peças de sucesso: "O Embarque de Nod", "O Cavaleiro Azul", "O Menino e o Vento", "Marquinhos Fru-Fru", "Aprendiz de Feiticeira", "Maria Minhoca" e outras. Já escreveu novelas para televisão e sua última peça foi "Tribulação".

Segundo Gilson Samento, coordenador do teatro da Ufes, "cabe à Universidade fornecer treinamento aos interessados em teatro na Ufes, que é função da Escola. É desejo criar uma casa de teatro na Ufes, mas talvez haja planos de maior prioridade. Apesar de só haver uma pessoa formada em teatro no Espírito Santo, bastaria para dar aulas de interpretação, história do teatro, etc., enquanto outros departamentos se encarregariam das outras matérias como a Educação Física, que poderia ministrar aulas de expressão corporal".

Uma das metas da Mostra, que foi totalmente atingida, segundo a coordenação, foi a união de vários departamentos: o Centro de Artes colaborou com a parte visual, como vestuários, professores; o Centro de Estudos Gerais, através do Departamento de Letras, colaborou com professores de linguística. Pretende-se trazer outros departamentos para colaborar, nas próximas mostras, como o de engenharia, que poderá realizar construções de cenários mais complexos.

Um dos pontos mais ressaltados pela Coordenação foi de que sempre será uma Mostra, e não um Festival: não há objetivo em premiar, nem em destacar qualquer indivíduo. Esta é a exibição daquilo que foi conseguido num determinado espaço de tempo, em caráter não competitivo e sim cooperativo. Nos próximos anos, a Mostra será a soma do trabalho de um ano inteiro, sendo que todos os diretórios continuarão a produzir peças, fazendo a seleção de uma para cada Mostra anual: "O que importa é a qualidade e não a quantidade".

Para Gilson Samento, a possibilidade de treinamento é muito pequena, pois o mercado de trabalho além de ser reduzido, é concorrido, mas isto não impede que os atores amadores melhorem sua técnica, não diminuindo a qualidade de representação".

Para cada um dos diretórios que estarão participando da mostra, a Sub-Reitoria Comunitária deu uma ajuda de custo de Cr\$ 2 mil, além de uma ajuda administrativa, com material, papel, divulgação da programação e promoção.

Debates

Durante a reunião realizada na última quinta-feira, entre o reitor da Ufes, Manoel Ceciliano Salles de Almeida e os participantes da I Mostra, o coordenador Gilson Samento informou que nos próximos dias 9 e 10, à noite haverá debates sobre teatro entre os integrantes com professores que poderão dar alguma contribuição para melhorar as bases técnicas.



Alunos do Centro de Artes ensaiam "O Urso", de Tchecov